

TABULEIRO DE LETRAS

Outras palavras: as palavras-valise entre revisões e sistematizações

Other words: the portmanteau words between reviews and systematizations

Natival Almeida Simões Neto¹

RESUMO: Este trabalho, de caráter revisionista, investiga a formação das palavras-valise em língua portuguesa. O *corpus* analisado é constituído por 100 vocábulos, extraídos dos mais variados textos (*tweets*, telenovelas, músicas, relatos de *blogs*, reportagens, entre outros). Alguns exemplos são *sapatênis*, *cantriz*, *coxibe*, *zebrasno*, *forrogode*. Objetivam-se, aqui, uma revisão conceitual e uma sistematização dessas formações, a partir de padrões fonológicos, morfossintáticos léxico-semânticos, tudo isso com base em trabalhos anteriores.

Palavras-chave: Neologismos; Palavras-valise; Morfologia lexical; Português brasileiro.

ABSTRACT: This work, of revisionist character, investigates the formation of portmanteau words in Portuguese. The *corpus* of analysis consists of 100 words, extracted from various texts (*tweets*, soap operas, musics, blogs, reports, articles etc.). Some examples are *sapatênis*, *cantriz*, *coxibe*, *zebrasno* and *forrogode*. It aims up here a conceptual review and systematization of formations, from phonological patterns, morphosyntactic lexicon-semantic, all based on previous work.

Keywords: Neologisms; Portmanteau words; Lexical morphology; Brazilian Portuguese

Considerações Iniciais

Os estudos morfológicos, de uma maneira geral, têm apontado a aparente necessidade de a morfologia ser abordada sempre em diálogo com outros níveis de análise. Assim, são propostos, recorrentemente, estudos com as seguintes interfaces: (i) morfologia e fonologia, abordando-se os processos fonológicos e os impactos que estes têm na estruturação interna das palavras; (ii) morfologia e sintaxe, destacando-se as questões de flexão nominal e verbal; (iii)

¹ Mestre (2016) na área de Linguística Histórica pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Graduado (2014) em Letras Vernáculas (Licenciatura), por essa mesma instituição. Atualmente, é professor substituto no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia. E-mail para contato: nativalneto@gmail.com.

morfologia e semântica, observando-se a polissemia dos afixos e; (iv) morfologia e léxico, atendo-se à formação de palavras por meio de processos vários.

Neste trabalho, em que se pese o seu caráter revisionista, investiga-se um processo de formação de palavras que, ao que parece, só pode ser explicado, levando-se em consideração todas as interfaces mencionadas: as chamadas palavras-valise. Em língua portuguesa, como exemplos, podem ser citadas *sapatênis*, *cantriz*, *coxibe*, *pilantropia*, *forrogode*, entre outras. Para este artigo, analisou-se um *corpus* de cem palavras, coletadas nos mais variados textos (*tweets*, telenovelas, músicas, relatos de *blogs*, reportagens, entre outros). Objetiva-se, aqui, uma sistematização dessas formações, a partir de padrões fonológicos, morfossintáticos léxico-semânticos, já delineados por outros autores.

A fim de alcançar esse objetivo, depois dessa curta introdução, o trabalho se apresenta da seguinte maneira: na seção 2, faz-se uma revisão de literatura, destacando-se a variedade de termos para designar o fenômeno; a seção 3 traz um breve mapeamento dos variados usos das palavras-valise; a seção 4 se divide em subseções e apresenta a análise dos dados levantados, considerando-se as interfaces mencionadas e as propostas anteriores de sistematização dessas formações; na seção 5 são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

As palavras-valise nos estudos linguísticos: uma revisão de conceitos

O termo “palavra-valise”, utilizado por autores como Alves (1990), surgiu como uma tentativa de decalcar a expressão *portmanteau word*, cunhada pelo escritor britânico Lewis Carroll, em 1871, no livro *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*². No sexto capítulo desse livro, a personagem Alice encontra Humpty Dumpty, um ovo com características antropomórficas que combina as palavras de maneira bastante peculiar. Parte dessa *cena* está destacada a seguir:

“Isto explica direitinho”, disse Alice.

² Título em português: “Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá” (*Through the Looking-Glass and What Alice Found There*).

“E lubriciosos?” “Bem, ‘lubriciosos’ significa lúbricos, que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só.”³

Sobre essa passagem, cumpre ressaltar a contribuição dessa obra para a fixação da nomenclatura palavra-valise (a partir de *portmanteau word*), bastante consagrada nos estudos linguísticos para designar esse tipo de formação. Tal designação, entretanto, não é única, podendo ser encontrados os termos “cruzamentos vocabulares” (SANDMANN, 1992), “amalgamas lexicais” (AZEREDO, 2010), “misturas” (SÂNDALO, 2001), “composições de partes de palavras” (STEINBERG, 2003) e “mesclas lexicais” (GONÇALVES, 2006).

Alves (1990), fazendo um panorama dos processos mais frequentes na formação de novas palavras no português, destaca a derivação, a composição e o empréstimo linguístico, observando que há mecanismos menos recorrentes, como o “truncamento” e a “reduplicação”. Sobre as palavras-valise, a autora menciona que essas se caracterizam por uma redução tal qual ocorre no “truncamento”. Porém, nas palavras-valise, duas palavras base, ou apenas uma delas, perdem parte de seus elementos fonológicos para constituírem um novo item lexical, sendo, geralmente, a perda da parte final da primeira e a parte inicial da segunda. Os exemplos da autora incluem *brasiguaio* (brasileiro + paraguaio), *cantriz* (cantora + atriz), *novelha* (novo + velha) e *showmício* (show + comício).

Sandmann (1992) chama o processo de “cruzamento vocabular” e considera que esse é um espécime de compostos que se distingue por sofrer diminuição no seu corpo fônico. Ao tomar esse cruzamento como um tipo de composição, o autor aplica as mesmas classificações, dadas por ele mesmo, aos compostos do tipo “nome+nome”: “copulativos” ou “determinativos”. Os cruzamentos copulativos, portanto, seriam aqueles em que há adição de elementos do mesmo nível, casos dos exemplos *Suicíndia* (Suíça + Índia), *Jaiça* (Japão + Suíça) e *Belíndia* (Bélgica + Índia), encontrados pelo autor, ao passo que nos “determinativos” existem elementos de níveis

³ "That'll do very well," said Alice: "and 'slithy'?"

"Well, 'slithy' means 'lithe and slimy,' 'Lithe' is the same as 'active.' You see it's like a *portmanteau* - there are two meanings packed up into one word." (CARROLL, 1871)³. Tradução disponível em: <<https://blogmeumundopretoerosa.files.wordpress.com/2016/03/alice-no-pais-das-maravilhas-atraves-d-lewis-carroll.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2016.

diferentes, como *uisquerda* (uísque + esquerda), em que esquerda é o núcleo determinado pelo adjunto uísque e *tucanóptero* (tucano + helicóptero), em que o núcleo alterado – *óptero* é especificado por tucano, que se refere aos políticos do PSDB.

O termo “amálgama lexical” foi encontrado em Azeredo (2010), que o define da seguinte maneira:

Chama-se *amálgama lexical* ao tipo de composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevista dois ou mais *lexemas*⁴. Este processo também é conhecido como “cruzamento vocabular” (A.J. Sandmann, 1992). O amálgama lexical constitui um recurso da função poética da linguagem, quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial, e encontra-se tanto no discurso literário, como nos discursos humorístico-satírico e comercial-publicitário. São exemplos de amálgama lexical *exposia* (exposição de poesia) e *democradura* (mescla de democracia e ditadura). (AZEREDO, 2010, p. 103-104)

Assim como Sandmann (1992), Azeredo (2010) considera as amálgamas como uma espécie de compostos. Sobre o conceito em Azeredo (2010), cumpre ressaltar que a “amálgama lexical” é vista como um processo arbitrário e imprevisto o qual se vale da função poética da linguagem e com finalidade expressiva. A função poética da linguagem, da forma como é proposta por Jakobson, consiste numa projeção do eixo da “seleção” sobre o eixo da “combinação” dos elementos linguísticos. No que tange às amálgamas, ao que parece, o falante inicialmente “seleciona” as palavras primitivas que melhor expressarem suas ideias naquele contexto e as combina, de acordo com um conjunto de padrões morfológicos, semânticos e fonológicos.

O quarto termo encontrado foi “misturas”, utilizado por Sândalo (2001), para se referir às palavras que são criadas pela junção de duas palavras já existentes na língua, sendo que o único exemplo apresentado pela autora é *portunhol*.

A designação “composição de parte de palavras” ou *blends* foi vista em Steinberg (2003), que, embora trate de formações do inglês, apresenta reflexões passíveis de serem aplicadas a outras línguas. Steinberg (2003), então, observa que esse tipo de construção produz palavras que

⁴ Grifos do próprio autor.

se formam de outras já existentes na língua e propõe uma tipologia à qual foram acrescentados exemplos da própria autora:

- Uma ou duas sílabas da palavra inicial + palavra completa: *amerindian* (*american+indian*)⁵
- Palavra completa + parte de outra palavra: *workaholic* (*work + alcoholic*)⁶
- Parte inicial de uma palavra + parte final de outra palavra: *vegeburger* (*vegetable + hamburger*)⁷
- Parte inicial de uma palavra + parte inicial de outra: *modem* (*modulator + demodulator*)⁸

O trabalho de Steinberg (2003) foi o único, até aqui, que se propôs a classificar sistematicamente essas formações, embora a autora não considere que *blends* sejam o mesmo que *palavras-valise*. Sobre isso, a autora menciona que

Os *blends* têm sido impropriamente chamados de palavras-cabide (*portmanteau*) ou ainda palavras-valise. Cabe esclarecer que num *blend* as partes que o constituem ocorrem em sequência. Uma palavra *portmanteau* nasce de duas outras que se unem num só morfema, isto é, suas ocorrências são simultâneas. É o caso do francês *au*, junção de *a* + *le*. Ocorrências dessa natureza são raras. Talvez pudéssemos considerar o *a* craseado do português – *à* – como um exemplo, mas teríamos de incluir mais um morfema, que seria o suprasegmental, isto é, a crase. (STEINBERG, 2003, p. 102)

Steinberg (2003) não parece justificar a distinção entre os *blends* e as palavras-valise. É possível pensar que o *blend* acontece no nível fonológico e a palavra-valise no nível morfêmico. Porém, para as palavras-valise não cabe qualquer relação baseada em morfemas, independentemente da definição de morfema que venha a ser adotada. Se tomada a forma *sinistranho* (*sinistro + estranho*), encontrada nesta pesquisa, o segmento fonológico /str/, presente nas duas palavras primitivas, funciona como um “ponto de quebra” e não pode ser tomado como

⁵ Exemplo para o português: *literatortura* (literatura + tortura)

⁶ Exemplo para o português: *roubartilhar* (roubar + compartilhar)

⁷ Exemplo para o português: *gostir* (gostar + curtir)

⁸ Exemplo para o português: *BaVi* (Bahia + Vitória)

um morfema, pois não é uma unidade mínima de significado da palavra e não apresenta recorrência no sistema linguístico da LP.

O último termo encontrado foi “mesclas lexicais”, forma aparentemente decalcada da forma inglesa *blends*. Ambas são vistas em Gonçalves (2006). Para esse autor,

mesclas lexicais são formas criadas pela junção de duas palavras já existentes na língua, como se vê em (05). Diferentes dos compostos, que tendem a preservar o conteúdo segmental das bases (‘porta-luvas’ e ‘boia-fria’). Mesclas são caracterizadas pela interseção de palavras, de modo que é impossível recuperar, através de processos fonológicos como crase, elisão e haplologia, as sequências perdidas.

(05) chafê (chá + café) sacolé (saco + picolé)
 gayroto (gay + garoto) cariúcho (carioca + gaúcho)
 cantriz (cantora + atriz) psicogélico (psicólogo + evangélico)
 matel (mato + motel) apertamento (apartamento + aperto)
 (GONÇALVES, 2006, p. 9).

Gonçalves (2006) chama a atenção para o fato de que as “mesclas” têm na função expressiva a sua principal motivação, ou seja, externar a opinião do falante acerca de algum conceito ou objeto do enunciado. Nos exemplos do autor, por exemplo, isso fica claro em *apertamento*, que indica que é um *apartamento* de tamanho pequeno e *apertado*. Com o *corpus* desta pesquisa, isso se evidencia em *herbachatos*, para se referir a inconveniência (*chatice*) dos vendedores da *Herbalife*, *sofressor*, para realçar o trabalho sofrido do professor, e *sertanojo*, para atribuir um valor de repulsa (“nojo”) ao ritmo musical sertanejo. Por outro lado, o autor não deixa de considerar que as mesclas servem também para designar novos conceitos, tendências e realidades, a exemplo de *portunhol* (mescla de *português* e *espanhol*, sobretudo em situações de contato) e *sacolé* (uma espécie de *picolé* em forma de *saco*). Outros exemplos, coletados do *corpus* de análise deste trabalho seriam *roubartilhar* (nas redes sociais da internet, significa *compartilhar* alguma postagem sem a autorização prévia do autor – ou daquele que postou inicialmente –, o que seria uma espécie de apropriação indevida ou “roubo”, *sapatênis* (calçado que une as características da seriedade de um sapato social com o despojamento de um tênis) e *pãe* (diz-se da mãe que assume as funções socialmente atribuídas ao pai, ou o contrário).

Gonçalves (2006) atenta para o fato de que o conceito de mescla, muitas vezes, se aproxima das criações analógicas, mas o autor esclarece que nestas há uma substituição por

interferência de homofonia de parte da palavra com alguma outra já existente na língua. Por exemplo, em *boacumba*, *boa* substitui o *ma* de *macumba*, em que a homofonia entre o *ma* e o adjetivo *má* permite a substituição pelo seu antônimo *boa*. Em *tricha*, por sua vez, há uma substituição da sequência *bi* de *bicha*, que é homófona ao prefixo – *bi*, indicativo de *dois* (*bípede* – *dois* pés; *bicampeão* – campeão *duas* vezes) pelo prefixo – *tri*, que indica três (*triciclo* – veículo de *três* rodas), para indicar um homossexual afeminado em demasia.

Com base nessa revisão de abordagens, é possível compreender que as propostas dos autores apresentam mais semelhanças do que diferenças. Assim, qualquer uma das nomenclaturas é válida e, em se tratando de terminologia, essa variação entre os termos acaba sendo infrutífera. Embora tenham sido apresentadas várias nomenclaturas, este trabalho, iniciado com a utilização de palavras-valise, se manterá com essa designação, mas a análise proposta se mostrará aplicável em todos os contextos.

Os diversificados usos das palavras-valise

Apesar de este trabalho destacar as mesclas em LP, estas acontecem em outras línguas, como o inglês, o francês e o espanhol. Para o inglês, há os exemplos de Steinberg (2003), na seção 2. No francês, Madueke (2013) encontra formações, como *franglais* (*français* - francês + *anglais* - inglês), *pomate* (*pomme* de terre - batata + *tomate* - tomate), *alicament* (*aliment* - alimento + *médicament* - medicamento), *télébrité* (*télévision* - televisão + *célébrité* - celebridade), *cordoléances* (*cordial* - cordial + *condoléances* - condolência), tranquilidade (*tranquillité* - tranquilidade + *quiétude* - quietude). Em espanhol, Almaz (2012) atestou formas como *cebrallo* (*cebra* + *caballo*) e *tigardo* (*tigre* + *leopardo*)

Rio-Torto (1998), voltando-se para a língua portuguesa, chama a atenção para o fato de que processos os quais aparentam ser bastante produtivos e disponíveis no português brasileiro não encontram correspondência de disponibilidade e produtividade na variedade europeia.

Monteiro (2002), embora não trate do tema, menciona o processo de *braquissesmia*, que, quando relacionado aos nomes de pessoas, encontra correspondência com as palavras-valise, pois

dá conta da formação de antropônimos, como *Edlivia* (Edson + Olívia), *Dagoberto* (Dagmar + Roberto) e *Marielza* (Mário + Elza).

Tendência similar foi encontrada em registros do site humorístico *Ai! Morri de sunga branca*⁹, em que os autores do site nomeiam o casal famoso por meio de *mesclas dos nomes dos envolvidos*¹⁰. Exemplos disso são *Latyanne* (casal formado pelo cantor *Latino* e sua noiva *Rayanne*), *Naldoguinho* (*Naldo* e a sua esposa, a *Mulher Moranguinho*), *Susandro* (a atriz *Susana* Vieira e o seu então marido *Sandro* Pedroso). A motivação humorística se justifica pela função emotiva e discursiva nessas formações.

Foram encontradas também construções desse tipo em textos de escritores, como Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Leminski; de compositores, como Caetano Veloso, Chico Buarque e Moraes Moreira; em livros e telenovelas infanto-juvenis e, até mesmo, no discurso científico, contexto do qual se espera maior resistência.

Cardoso (2013), investigando as formações de palavras na obra de Carlos Drummond de Andrade, encontra as formações *chuvadonha* (*chuva* + *medonha*) e *chuvil* (*chuva* + *vil*) no poema *Caso pluvioso*. Outros dados foram encontrados em *distriburrida* (*distribuída* + *burro* – sinalizando, no poema *Ao Deus Kom Unik Assão*, que, ao *distribuir* sua melodia pelo mundo, Deus faz com que as pessoas fiquem mais *burras*) e *jornaledor* (*jornal* + *ledor* – aquele que lê *jornal*, no subtítulo do poema *Diamundo*).

A observação d’*O léxico de Guimarães Rosa*, de Martins (2001), permite encontrar *pensamor* (*pensamento* + *amor*, no conto *Substância*, do livro *Primeiras estórias*, podendo significar *pensamento amoroso*), *enxadachim* (*enxada* + *espadachim*, no conto *Fatalidades*, do livro *Primeiras Estórias*, para designar um trabalhador do campo que luta para sobreviver), *fraternura* (*fraterno* + *ternura* – ternura entre irmãos, no conto *A vela ao diabo*, do livro *Tutameia – Terceiras Estórias*), *ensimesmudo* (*ensimesmado* + *mudo*, no conto *Barra da Vaca*, do livro *Tutameia – Terceiras Estórias*, para designar um sujeito calado e mal-humorado).

⁹ Disponível em: <<http://www.aimorridesungabranca.com/>>.

¹⁰ Em sites de língua inglesa, são encontradas formações como *Brangelina*, para se referir ao casal formado pelos atores *Brad Pitt* e *Angelina Jolie*, *Billary*, para os políticos *Bill* e *Hillary* Clinton, e ainda *Chrisanna* para os cantores *Chris Brown* e *Rihanna*. Isso corrobora a ideia de que as mesclas não são exclusividades da língua portuguesa.

Na obra de Paulo Leminski, Novais (2008), estudando *Catatau*, encontra *armandíbula* (*arma* + *mandíbula*), *gratuitária* (*gratuita* + *utilitária*), *atritude* (*atrito* + *atitude*) e *vagabundância* (*vagabundo* + *abundância*). Sobre o trabalho de Paulo Leminski, cabe destacar o encaixamento da sua obra no movimento concretista do Brasil, que tinha como características de composição o uso intensivo de neologismos vernáculos ou estrangeiros e decomposição ou recomposição semântica das palavras. Esse movimento teve como principais nomes Décio Pignatari e os irmãos Haroldo e Augusto Campos cuja linguagem influenciou a obra literária de Leminski e a música de Caetano Veloso, Tom Zé e Gilberto Gil os quais depois viriam a influenciar nomes mais contemporâneos como Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown.

Em relação à obra de Caetano Veloso, foram observadas recorrentes mesclas em duas composições: *Acrílico* (1967) e *Outras palavras* (1983). Na primeira canção, são encontradas as palavras *colorício* (*colírio* + *lírico*), *telástico* (*tela* + *elástico*), *adolescidade* (*adolescência* + *cidade*). Em *Outras palavras* (1983), são encontradas as seguintes ocorrências: *sexonhei* (*sexo* + *sonhar*), *frúture* (*fruto* + *futuro*), *ouraxé* (*ouro* + *axé*), *palávoras* (*palavras* + *metáforas*), *homenina* (*homem* + *menina*) e *felicidadania* (*felicidade* + *cidadania*).

Outros compositores da música brasileira utilizam as mesclas como recursos de criação, a exemplo de *blumenáutica* (*Blumenau* + *náutica*) e *zanzibárbaro* (*Zanzibar* + *bárbaro*), em *Banda Um* (1982), de Gilberto Gil, *precinecessário* (*preciso* + *necessário*), em *Besta é tu* (1972), de Moraes Moreira e Luiz Galvão, *baioque* (*baião* + *roque* – do inglês *rock*), na música homônima de Chico Buarque em 1972 e *carimbolada* (*carimbó* + *embolada*) e *homenstruado* (*homem* + *menstruado*), respectivamente nas canções *Carimbolada soul* (1996) e *Homenstruado* (1997), da banda Timbalada.

Muitas palavras-valise foram vistas na telenovela infanto-juvenil *Floribella*¹¹, exibida pela Rede *Bandeirantes* entre 2005 e 2006. Alguns exemplos são: *ansinervoso* (*ansioso* + *nervoso*), *cafajestúpido* (*cafajeste* + *estúpido*), *complifuso* (*complicado* + *confuso*), *chocrível* (*chocante* + *incrível*), *desástrofe* (*desastre* + *catástrofe*), *enlouquepirar* (*enlouquecer* + *pirar*),

¹¹ Os dados dessa novela foram vistos nos seguintes sites: <<http://floribellaparasempre.zip.net/>> e <<http://coisasdenovela.pop.com.br/voce-lembra-do-exclusivo-dicionario-da-floribella/>>. Acessos em: 24 jun. 2016.

espetaculindo (*espetacular* + *lindo*), *horrorível* (*horroroso* + *horrível*), *legalindo* (*legal* + *lindo*), *maravilindo* (*maravilhoso* + *lindo*) e *sinistranho* (*sinistro* + *estranho*).

Também no âmbito infanto-juvenil, o Blog *Oficina de Alfabetização*¹² apresenta o relato de uma professora que criou com seus alunos o que ela chamou de *bichonário*, uma espécie de dicionário de animais exóticos, inventados por meio de uma mistura entre eles. São exemplos encontrados nesse blog: *abelhama* (*abelha* + *lhama*), *camelontra* (*camelo* + *lontra*), *porcoruja* (*porco* + *coruja*) e *tubaranha* (*tubarão* + *aranha*). A ideia de animais mesclados, segundo a professora relatora, foi encontrada também em outros livros e *softwares*, inclusive de outras línguas, como o francês e o inglês. Um dos livros mencionados é *Animais*, de Arnaldo Antunes e Zaba Moreau, em que são observadas as seguintes formações: *papagalo* (*papagaio* + *galo*), *vacavalo* (*vaca* + *cavalo*), *cangorila* (*canguru* + *gorila*), *camalo* ou *cavelo* (*camelo* + *cavalo*), *leonça* (*leão* + *onça*), *jabutirica* (*jabuti* + *jaguaririca*), *procodilo* (*porco* + *crocodilo*), *baleoa* (*baleia* + *leoa*) e *largato* (*lagarto* + *gato*).

A possibilidade de cruzamento entre animais de espécies distintas é real e investigada cientificamente, sendo os animais nascidos desses cruzamentos chamados de *animais híbridos*. O hibridismo em animais, segundo Ferreira, Hochman e Barbosa (2005), somente é possível entre aqueles que são *isogênicos*, ou seja, que têm o mesmo genótipo (constituição genética), não sendo um fenômeno aleatório e, raramente, acontecendo nos ambientes naturais desses animais. Por exemplo, o cruzamento entre um leão e uma tigresa, o *ligre* (*lion* + *tigre*), ou entre um tigre e uma *leoa*, o *tigreão*¹³ (*tigre* + *leão*), somente é possível em cativeiro, pois esses animais não dividem território na natureza. Sobre os animais híbridos, cabe ressaltar que “apresentam com frequência o que se denomina de vigor híbrido; tendem a ser maiores, crescem com mais rapidez, e são mais sadios que seus progenitores. Por exemplo, as mulas se caracterizam pela sua força, que é superior a dos seus pais.” (ALMAZ, 2012, p. 10)¹⁴

¹² O link está disponível em <http://oficinasdealfabetizacao.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html>. Acesso em: 20 fev. 2014.

¹³ Steinberg (2003) registra as formas *liger* (*lion* + *tiger*) e *tiglon* (*tiger* + *lion*).

¹⁴ “presentan con frecuencia lo que se denomina vigor híbrido; tienden a ser más grandes, crecen con más rapidez, y están más sanos que sus progenitores. Por ejemplo, las mulas se crían por su fuerza, que es superior a la de sus padres.” Tradução nossa.

Ainda que não utilize qualquer termo linguístico para designar as nomenclaturas desses híbridos, Almaz (2012, p. 11) observa que a designação se faz por “primeiramente, uma parte do nome correspondente ao nome da espécie do pai mais uma segunda parte correspondente ao nome da espécie da mãe.”¹⁵ Seguindo esse processo, o autor encontra, em língua espanhola, as seguintes formações: *balfin* (*ballena* + *delfín*), *beefalo* (do inglês *beef* – carne de *boi* + búfalo), *cama* (*camello*+*llama*), *caraval* (*caracal* macho + *serval* fêmea), *cebrallo* (*cebra* + *caballo*), *cebrasno* (*cebra* + *asno*), *oso grolar* (*oso grizzly* + *oso polar*), *leopon* (*leopardo* macho + *leona*), *ligre* (*lion* + *tigre*), *tigardo* (*tigre* + *leopardo*) e *tigón* (*tigre* + *león*).

Quase todas essas formações encontradas em Almaz (2012) têm correspondências encontradas em português¹⁶, a saber: *golfeia* (*golfinho* + *baleia*), *beefalo* (*beef* – carne de *boi* + búfalo), *cama* (*camelo* + *lhama*), *caraval* (*caracal* macho + *serval* fêmea), *zebralo* (*zebra* + *cavalo*), *zebrasno* (*zebra* + *asno*), urso *grolar* (urso *grizzly* + urso *polar*), *ligre* (*lion* + *tigre*) e *tigreão* (*tigre* + *leão*). Apenas *leopon* e *tigardo* não foram encontrados nesta pesquisa, mas certamente seriam da mesma forma que em espanhol. Outros não apareceram no trabalho de Almaz (2012), como *servical* (*serval* macho + *caracal* fêmea), *pumapardo* (*puma* + *leopardo*), *javaporco* (*javali* + *porco*), *jagleão* (*jaguar* + *leão*).

Algumas dessas designações de animais híbridos foram detectadas em trabalhos de investigação da Zoologia e da Genética, o que sugere que essas *mesclas* lexicais já são aceitas no discurso científico, talvez pelo fato de esse processo designativo ser a melhor forma de materializar o conceito desses cruzamentos. As formas *tigreão* e *ligre* apareceram numa tese defendida por Andrade (2010), na Universidade de Campinas (Unicamp), em que se discutiu sobre especiação e padrões de diversidade das espécies, da mesma maneira que o termo *javaporco* apareceu em Eulálio (2010), numa dissertação defendida na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em que se tratou das artérias dos lobos cervicais tímicos em fetos desses animais.

¹⁵ “Primeramente una parte del nombre correspondiente al nombre de la especie del padre más una segunda parte correspondiente al nombre de la especie de la madre”. Tradução nossa.

¹⁶ Fonte: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/10-incriveis-animais-hibridos-que-existem-de-verdade/>>. Acesso em: 24 de junho de 2016.

A utilização de mesclas no discurso científico reforça a versatilidade, no que tange aos variados usos. A mescla deixa de ser observada, portanto, como um fenômeno exclusivo da criação literária ou como um mecanismo formador de gírias. Assim, ao ter o seu uso evidenciado até mesmo no campo das ciências, sugere-se que esse processo tenha um melhor tratamento, no sentido de se tentar delimitar os seus aspectos formativos, tirando-lhe o estigma, por assim dizer, de ser um processo marginal e assistemático. Na seção 4, apresentam-se algumas propostas.

Os Padrões de Formação

Araujo (2000), ao observar o fato de palavras-valise serem recorrentes em várias línguas, como o português, o espanhol, o inglês e o hebraico, com as mesmas características de formação, discute a necessidade de elas serem investigadas na teoria morfológica.

Se os portmanteaux são produtivos, regulares e regidos pelas mesmas restrições em várias línguas do mundo, logo eles possuem ou uma gramática própria ou, pelo menos, a mesma gramática que restringe os processos de composição, reivindicando, assim, um lugar na teoria morfológica. (ARAUJO, 2000, p. 6).

Neste trabalho, as formações foram analisadas com base em três critérios (fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais) que, embora separados por questões metodológicas, não devem ser compreendidos separadamente, uma vez que os sistemas linguísticos funcionam de maneira conjunta.

Padrões Fonológicos

Gonçalves (2006) analisa as palavras-valise como uma fusão de dois vocábulos (palavra 1 – P1; palavra 2 – P2) que atuam em planos alternativos e que se caracterizam pela existência de um ponto de quebra, o lugar em que a fusão ocorre. Partindo dessa lógica, o autor observa que essas formações, do ponto de vista fonológico, são de dois tipos:

- *Tipo 1*: P1 e P2 apresentam algum tipo de semelhança fônica;

- *Tipo 2*: P1 e P2 são totalmente dessemelhantes do ponto de vista segmental.

Essa semelhança ou dessemelhança fônica, segundo o autor, é que determinará o ponto de quebra e a forma como se estruturará a palavra-valise. Exemplo do próprio autor para isso é *sacolé* (Tipo 1), em que *saco* e *picolé* compartilham o segmento fônico *co* e isso indicará não apenas o ponto de fusão entre os dois vocábulos, mas também a posição deles no interior da nova palavra, pois sendo *co* a sílaba átona final em *saco*, o acento de *picolé* funcionará como P2, núcleo da formação que será responsável pela pauta acentual.

Quando não houver semelhança, o ponto de quebra será determinado pelo rastreamento do maior grau de identidade das bases, respeitando os padrões de estruturação silábica da LP. Em *portunhol* (Tipo 2), não há semelhança fônica entre *português* e *espanhol*, o que exigirá a busca por identidades fônicas que privilegiarão a quebra nas sílabas tônicas, aproveitando-se o início átono *portu* e o final tônico com *nhol*.

Das 100 formações do *corpus*, 64 são do Tipo 1, de modo que os pontos tanto podem ser um único fonema, exemplo de *gostir* (/t/ é o ponto de quebra entre *gostar* e *curtir*), quanto podem ser uma sílaba, exemplo de *Carnatal* (a sílaba /na/ é o ponto de quebra entre *carnaval* e *Natal*), chegando a casos em que segmentos mais complexos servem como lugar de fusão, a exemplo do já mencionado *sinistranho*, *pilantropia* (o segmento *ilantr* é o ponto de fusão entre *pilantra* e *filantropia*) e craquéticos (*aque* funde *craque* e *caquéticos*). Entre as 36 formações do Tipo 2, as que não apresentaram qualquer semelhança fonológica, estão *coroquete* (*coroa* + *piriguete*), *brasiguaios* (*brasileiros* + *paraguaios*), *forrogode* (*forró* + *pagode*) e *vagaranha* (*vagabunda* + *piranha*). Nesses casos, as quebras se fizeram nas sílabas tônicas¹⁷, como observou Gonçalves (2006) para seus exemplos, e as pautas acentuais, na nova palavra formada, foram sempre da responsabilidade de P2.

Padrões Morfossintáticos

¹⁷ *Forrogode* seria uma exceção, pois o vocábulo primitivo *forró* entrou completo na formação, mas isso pode se justificar pela tentativa de *equilibrar* as participações de P1 e P2 na nova palavra, fazendo com que haja duas sílabas de cada uma delas.

Na tentativa de encontrar uma classificação para as palavras-valise vistas na obra *Catatau*, de Paulo Leminski, Novais (2008) propõe uma série de critérios que incluem aspectos fônicos na formação, quantidade de bases envolvidas e a maneira como elas se envolvem, sentido criado e classes gramaticais constitutivas. Ainda que Novais (2008) acredite que as particularidades das formações de *mesclas* surgidas em contextos literários talvez não encontrem correspondência na normatividade discursiva, o critério morfossintático das classes gramaticais por ele observado foi possível de ser aplicado aqui. No que se refere aos padrões morfossintáticos das *mesclas*, o autor considera que há dois tipos:

- O primeiro tipo é o das “mesclas paradigmáticas”, que se formam por bases de mesma classe gramatical. São assim chamadas em função da possibilidade de as palavras serem comutadas num plano paradigmático. Por exemplo, numa frase como *João comprou um sapato*, o termo *sapato* pode ser comutado por *tênis* – *João comprou um tênis*, o que faz com que *sapatênis* seja classificado como uma mescla paradigmática.
- O segundo é o das “mesclas sintagmáticas”, que, por outro lado, se formam com bases de classes gramaticais diferentes. Diferentemente, nesse tipo as palavras das mesclas não são passíveis de comutação, mas podem compor uma estrutura sintagmática. Um exemplo disso é a formação *sexonhei*, em que o substantivo *sexo* e o verbo *sonhei* aparecem em posições diferentes na estrutura, como pode ser visto na oposição das frases: *Eu sonhei com você essa noite.* / **Eu sexo com você essa noite.*

No *corpus* de Novais (2008), como exemplos do primeiro tipo, estão *sensibilisca* (verbos *sensibiliza* + *belisca*), *constatelação* (substantivos *constatação* + *constelação*), *gratuitária* (adjetivos *gratuita* + *utilitária*) e *ondem* (advérbios *onde* + *ontem*). O segundo tipo, por sua vez, é observado em *alucilâmina* (adjetivo: *alucinante* + substantivo: *lâmina*), *colibristas* (substantivo: *colibris* + adjetivo: *equilibristas*) e *irreversando* (adjetivo: *irreversível* + verbo: *conversando*).

Segundo Novais (2008), as palavras-valise do primeiro tipo são mais produtivas, o que também se atesta no *corpus* aqui analisado. Dentro desse tipo paradigmático no *corpus* aqui

investigado, são cabíveis, ainda, as considerações de Sandmann (1992) sobre os cruzamentos formados por nomes, haja vista que, das 84 palavras-valise paradigmáticas, apenas 5 são formadas por verbos: *aproximar-se* (*aproximar-se* + *achegar-se*), *curtilhar* (*curtir* + *compartilhar*), *enlouquepirar* (*enlouquecer* + *pirar*), *gostir* (*gostar* + *curtir*) e *roubartilhar* (*roubar* + *compartilhar*).

Assim, em relação à proposta de Sandmann (1992), das 79 palavras formadas por nomes, pode-se dizer que 64 são copulativas (*pagofunk*, *pãe*, *futevôlei*) e 15 são determinativas (*abaralhau*, *herbachatos*, *trensalão*). Esse detalhamento permite ver que, quanto aos aspectos morfossintáticos, as palavras-valise também se unem mais por igualdade que por diferenças. Daí que as formações copulativas, como *forrogode* (mistura de forró e pagode) e *vampeta* (mistura do vampiro e do capeta) ocorrem, na maioria dos casos, ao passo que as determinativas, como *paitrocínio* (*patrocínio* dado pelo *pai*), *sacolé* (*picolé* de *saco*) e *Carnatal* (*carnaval* fora de época da cidade de *Natal/RN*), por consequência, são uma minoria.

Padrões Semântico-lexicais

Neste trabalho, observam-se mesclas que se formam por elementos os quais são alocados em um mesmo campo lexical. Os animais inventados e os híbridos reais, por exemplo, esclarecem essas relações. Num animal inventado como a *porcoruja*, pode-se dizer que *porco* e *coruja* se encaixam no campo dos *animais*. Os híbridos reais, dadas às restrições genéticas, estabelecem maior especificidade: em *tigreão*, *tigre* e *leão* são do campo dos *felinos*; em *javaporco*, *javali* e *porco* estão no campo dos *suínos*; e em *zebrasno*, *zebra* e *asno* fazem parte do campo dos *equinos*. *Felinos*, *suínos* e *equinos* podem ser entendidos como subcampos de um campo maior de *animais*.

As mesclas envolvendo elementos de um mesmo campo são vistas também em: *baioque* (*baião* e *roque* – campo: *gêneros musicais*), *brasiguaios* (*brasileiros* e *paraguaios* – campo: *nacionalidades*), *cantriz* (*cantora* e *atriz* – campo: *profissões artísticas*), *caribano* (*carioca* e *paraibano* – campo: *naturalidades*), *carimbolada* (*carimbó* e *embolada* – campo: *gêneros musicais*), *chafé* (*chá* e *café* – campo: *bebidas*), *corrinhada* (*corrida* e *caminhada* – campo:

atividades físicas), *coxibe* (*cozinha* e *kibe* – campo: *salgados*), *dramédia* (*drama* e *comédia* – campo: *gêneros filmicos*), *espanglês* (*espanhol* e *inglês* – campo: *línguas*), *forrogode* (*forró* e *pagode* – campo: *gêneros musicais*), *futevôlei* (*futebol* e *vôlei*, – campo: *esportes*), *namorido* (*namorado* e *marido* – campo: *relacionamentos*), *pãe* (*pai* e *mãe*, – campo: *parentes*), *pagofunk* (*pagode* e *funk* – campo: *gêneros musicais*), *portunhol* (*português* e *espanhol* – campo: *línguas*), *sapatênis* (*sapato* e *tênis* – campo: *calçados*), *showmício* (*show* e *comício*, – campo: *eventos públicos*) e *vampeta* (*vampiro* e *capeta* – campo: *assombrações*). Esses exemplos perfazem um total de 40 casos.

Um fenômeno que também se mostra relevante nessas formações é a sinonímia. Embora não seja consenso entre os semanticistas, não se pode negar que o uso cotidiano tem licenciado a possibilidade de certos vocábulos serem substituíveis por outro em determinado contexto linguístico. O cruzamento entre sinônimos foi visto em 14 formações. Alguns exemplos disso são: *aproxegar-se* (*aproximar-se* + *achegar-se*), *complifuso* (*complicado* + *confuso*), *desástrofe* (*desastre* + *catástrofe*), *gostir* (*gostar* + *curtir*), *horrorível* (*horroroso* + *horrível*), *precinecessário* (*preciso* + *necessário*), *sinistranho* (*sinistro* + *estranho*) e *vagaranha* (*vagabunda* + *piranha*).

Entre os dados analisados, 40 formações são de elementos de uma mesma categoria (*pagofunk*, *pãe*, *namorido*), 16 são de elementos sinônimos (*precinecessário*, *ansinervoso*) e as 44 restantes envolvem outras relações. Apesar de justificarem grande parte dessas formações, nem as relações de hiperonímia e hiponímia, representadas na lógica dos campos lexicais, nem as relações de sinonímia explicam algumas relações que se estabelecem entre os integrantes das palavras-valise, conforme visto em *crionça* (*criança* + *onça*), *cãopanheiro* (*cão* + *companheiro*), *monstruada* (*monstro* + *menstruada*), *jornazista* (*jornalista* + *nazista*) e *paitrocínio* (*pai* + *patrocínio*), que somente são entendidas dentro de um quadro de análise que dê destaque à metáfora e à metonímia na formação de palavras.

Considerações Finais

O presente trabalho abordou a formação de palavras-valise lexicais em língua portuguesa, fazendo uma revisão bibliográfica acerca do tema, com a identificação das várias nomenclaturas e diversos contextos de utilização. Fez-se uma tentativa de sistematizar essas formações, seguindo critérios fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos os quais, embora separados por razões metodológicas, não devem ser observados de maneira autônoma. Tudo isso permitiu visualizar que tais construções não são assistemáticas. No que concerne aos aspectos formativos e conceituais, observa-se que, quase sempre, essas palavras são formadas em contextos de semelhança, mesmo quando essa semelhança não é tão evidente.

Como preconizado, o artigo apresentado tem um caráter mais revisionista, por isso não se tem a pretensão de esgotar os debates acerca desse tema, que ainda carece de mais estudos sistemáticos, sendo fundamental, sobretudo, que sejam destacados os mecanismos cognitivos que atuam na formação dessas palavras e como essas palavras têm sido computadas no léxico mental dos falantes.

REFERÊNCIAS

- ALMAZ, Edwin Fabricio. **Deconstrucción animal**. 2012. 47 p. Tesina para obtener el titulo de licenciado en artes visuales – Escuela de Artes Visuales, Facultad de Artes, Universidad de Cuenca, Cuenca.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- ANDRADE, Elizabeth Machado Baptestini. **Especiação sem barreiras e padrões de diversidade**. 2010. 82 f. Tese (Doutorado em Física) — Instituto de Física Gleb Wataghin, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 39, p. 5-21, 2000.
- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss de Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- CARDOSO, Elis de Almeida. **Drummond: um criador de palavras**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2013.

CARROLL, Lewis. **Alice's adventures in Wonderland and through the looking glass**. New York: D. Appleton and CO, 445, Broadway, 1871. Disponível em: <http://www.gasl.org/refbib/Carroll_Alice_1st.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

CARROL, Lewis. Aventuras de Alice no país das maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Disponível em: <<https://blogmeumundopretoerosa.files.wordpress.com/2016/03/alice-no-pais-das-maravilhas-atraves-d-lewis-carroll.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

EULÁLIO, Francynny Helena Fonseca. **Artérias dos Lobos Cervicais Tímicos em fetos de Sus scrofa Scrofa X Sus scrofa domesticus (Javaporco)**. 2010. 26 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

FERREIRA, Lídia Masako; HOCHMAN, Bernardo; BARBOSA, Marcus Vinicius Jardimi. **Modelos experimentais em pesquisa**. Acta Cir Bras [serial online] 2005;20 Suppl. 2:28-34.
GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorino. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 219-242, 2006.

MADUEKE, Sylvia Ijeoma. L'amalgamation lexicale est la fusion d'une ou deux unités sémantiques autonomes. **The Carillon**, University of Regina Student Newspaper, 2013. Disponível em: <<http://www.carillonregina.com/brunch-smog-et-portmanteau-lamalgamation-lexicale-du-francais/>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Editora Edusp, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

NOVAIS, Carlos Augusto. **As trapças de OCCAM: montagem, palavras-valise e alegoria no Catatau**, de Paulo Leminski. 2008. 373 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RIO-TORTO, Graça Maria. **Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português**. Lisboa: Porto, 1998.

SÂNDALO, Mônica. Morfologia. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Ed). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v.1.

SANDBMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SILVA, Augusto Soares. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

STEINBERG, Martha. **Neologismos de língua inglesa**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

Recebido em: 01 de setembro de 2016.

Aceito em: 23 de novembro de 2016.